

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 17 de agosto de 2020 às 07h39*  
*Seleção de Notícias*

## Folha.com | BR

Patentes

**Médicos pedem quebra de patente de remédio antitabagista em desabastecimento . . . . . 3**

## CNN Brasil Online | BR

17 de agosto de 2020 | Patentes

**Covid-19: Governo da China concede 1ª patente de vacina à CanSino . . . . . 4**  
BUSINESS | DIEGO FREIRE | EM SÃO PAULO

## MSN Notícias | BR

Patentes

**Missão salvar vidas: COVID-19 mobiliza pesquisadores do Brasil em busca de soluções para a  
doença . . . . . 6**  
MATHEUS ADLER

## Médicos pedem quebra de patente de remédio antitabagista em desabastecimento



portação acabou encarecendo em quase 30% o produto, sem contar que às vezes demora semanas, diz Scholz.

Painel S.A.

Jornalista, Joana Cunha é formada em administração de empresas pela FGV-SP. Foi repórter de Mercado e correspondente da Folha em Nova York.

**Cinzeiro** As sociedades brasileiras de cardiologia e pneumologia estão preparando um comunicado para enviar à **Anvisa** pedindo a quebra da patente da molécula do Champix, medicamento para combater o fumo, de acordo com Jaqueline Scholz, cardiologista diretora do programa de tratamento do tabagismo do Incor. A médica afirma que o caso é preocupante porque, como mostram pesquisas realizadas nos últimos meses, o consumo de cigarros cresceu durante a pandemia.

**Fumacê** Há pouco mais de um mês, a Pfizer, fabricante do Champix, avisou a **Anvisa** que o produto passaria por um período de desabastecimento com previsão de normalização só em julho de 2021, como antecipou o Painel S.A.. Na época, a farmacêutica não deu detalhes sobre o motivo do problema. Só disse que se tratava de adequação regulatória do local de fabricação.

**Filtro** Se a Pfizer tem a licença para importar e comercializar e não propõe uma solução, que lacuna a gente tem para facilitar o acesso das pessoas? A im-

# Covid-19: Governo da China concede 1ª patente de vacina à CanSino

BUSINESS

Pesquisador trabalha em laboratório da fabricante de vacinas CanSino, em Tianjin, na China Foto: Stringer - 20.nov.2018/Reuters

A empresa biofarmacêutica chinesa CanSino Biologics Inc, obteve, de autoridades do governo do país, a aprovação de **patente** da sua vacina Ad5-nCOV, ainda em testes para combater o novo coronavírus. Com a medida, a companhia, que é co-desenvolvedora do projeto em conjunto com a Academia de Ciências Militares da China, garante direitos de propriedade intelectual em relação às tecnologias empregadas.

O potencial imunológico desenvolvido pela CanSino se utiliza de uma técnica baseada no vetor de adenovírus recombinante. Citando documentos do regulador de propriedade intelectual do país, o jornal estatal Peoples Daily informou, no domingo (16), que essa é a primeira **patente** de vacina contra a Covid-19 concedida pela China.

**Leia também:** Vacina contra Covid-19 produzida na Argentina custará até US\$4 por dose Sputnik V: Rússia começa produção de vacina contra a Covid-19

O jornal citou documentos publicados pela Administração Nacional de Propriedade Intelectual da China, dizendo que a **patente** foi emitida em 11 de agosto.

Neste mês, a Arábia Saudita informou que planeja iniciar os testes clínicos de fase 3 para a potencial vacina da CanSino. A empresa disse também estar envolvida em negociações com a Rússia, Brasil e Chile para lançar os testes de sua terceira fase nesses países.

Em junho, foi aprovado que a vacina da CanSino fosse aplicada em militares chineses, ainda antes da con-

clusão dos testes.

Com o anúncio da aprovação da patente, as ações da CanSino em Hong Kong subiram cerca de 14% na sessão da manhã desta segunda-feira (17). As ações da empresa em Xangai subiram 6,6% a partir do meio-dia.

Patente reforça diferenciais da potencial vacina

A concessão da **patente** confirmou "ainda mais a eficácia e segurança da vacina, que demonstrou de forma convincente a propriedade de seus direitos de propriedade intelectual (DPI)", disse a CanSino em um comunicado enviado ao jornal *Global Times* no domingo.

Xu Xinming, um advogado de Pequim especializado em direitos de propriedade intelectual, disse ao *Global Times* que a China tem um sistema de exame de **patentes** comparativamente rigoroso e completo, exigindo que uma tecnologia ou produto seja fundamentalmente diferente de tecnologias e produtos similares existentes em todo o mundo para receber a **patente**.

"A concessão da patente demonstra a originalidade e criatividade da vacina", disse Xu, observando que a CanSino também está provavelmente solicitando uma patente com autoridades estrangeiras para proteger seus direitos comerciais durante a cooperação internacional.

Também ao *Global Times*, um funcionário do departamento de relações públicas da CanSino negou as afirmações de que a concessão da patente teve qualquer relação com o processo de comercialização da vacina pelas autoridades, observando que as duas questões estão sob a supervisão de dois sistemas diferentes.

Continuação: Covid-19: Governo da China concede 1ª patente de vacina à CanSino

Porém Tao Lina, um especialista em vacinas baseado em Xangai ouvido pela periódico, acredita que a concessão da patente provavelmente facilitaria o processo de comercialização.

Especialistas consideram, ainda, que uma patente concedida oficialmente aumenta a confiança do mercado nas vacinas contra a Covid-19 desenvolvidas na China, especialmente no mercado internacional. Os EUA têm feito acusações de que hackers chineses es-

tavam tentando roubar novos dados de coronavírus sobre tratamentos e vacinas.

(Com informações de Sophie Yu e Brenda Go, da Reuters)

Diego Freire, da CNN, em São Paulo

## Missão salvar vidas: COVID-19 mobiliza pesquisadores do Brasil em busca de soluções para a doença



© Fred Bottrel/EM/D.A Press - 25/3/20

Pesquisadores e laboratórios mineiros se unem à corrida mundial em busca de estratégias para enfrentar o coronavírus

Enquanto milhões de brasileiros acompanham com apreensão o avanço dos números da COVID-19, em laboratórios de todo o mundo, um contingente de cientistas trabalha de forma incessante em busca de mecanismos para prevenir ou conter a doença. Assim como em diversos países, em universidades e centros de estudos brasileiros, em meio a tubos de ensaio e algoritmos computacionais, professores e pesquisadores tentam desenvolver soluções para enfrentar o novo coronavírus e seus efeitos.

As frentes de atuação são múltiplas: vão desde a busca e os testes com vacinas e medicamentos, passam por sistemas de checagem da temperatura corporal e chegam à construção de equipamentos hospitalares para pacientes graves. Em meio a um leque de investigações que se renova a cada dia, seja em novas frentes, seja em novos desafios, o Estado de Minas elegeu projetos que vêm sendo desenvolvidos no país, como forma de homenagear esse exército silencioso de homens e mulheres que batalha na guerra contra um inimigo poderoso, mas invisível. A seguir, detalhes de algumas dessas iniciativas, parte de um

abpi.empauta.com

esforço global do qual pode surgir, em um laboratório de qualquer parte do planeta, a cura. Antídoto no próprio corpo Angiotensina (1-7) no tratamento de pacientes com COVID-19. Coordenador: professor Robson Augusto Souza dos Santos. Instituição: UFMG.

© Cristina Horta/EM/D.A Press - 10/1/14

O professor Robson Augusto Santos aposta em uma espécie de suplementação, com hormônio do próprio organismo humano, para combater a COVID-19

Partindo da premissa de que combater o coronavírus, uma vez instalado no organismo, é tão importante quanto prevenir o contágio, uma das frentes de estudos em curso na Universidade Federal de Minas Gerais trabalha para desenvolver um tratamento alternativo para pacientes graves com quadro de COVID-19. Os estudos são coordenados pelo professor Robson Augusto Souza dos Santos, do Laboratório de Hipertensão do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Nano-Biofarmacêutica (N-Biofar) da UFMG, também CEO da Angitec - startup de pesquisa e desenvolvimento. A ideia é fazer uma espécie de reposição hormonal com a angiotensina (1-7), hormônio produzido pelo corpo humano com efeito protetor, que proporciona diversos benefícios ao organismo. "Acreditamos que um dos efeitos do vírus, se não for o principal, é a remoção dessa enzima da membrana da célula, com isso, a redução da produção da angiotensina (1-7). O objetivo do nosso estudo é fazer algo como uma reposição hormonal da substância", explica o pesquisador. Segundo ele, a ideia é proporcionar um tipo de atalho, fornecendo o produto diretamente ao organismo. "A ideia básica é esta: fazer uma suplementação, tentar normalizar, na medida do possível, a concentração desse peptídeo no corpo", disse Robson. As pesquisas estão na pri-

Continuação: Missão salvar vidas: COVID-19 mobiliza pesquisadores do Brasil em busca de soluções para a doença

meira fase, na qual é checada a segurança do procedimento. Trinta pacientes voluntários, maiores de 18 anos, internados com insuficiência respiratória, com necessidade de ventilação mecânica e com previsão de estada na UTI por mais de 48 horas, devem participar dessa etapa. A próxima, a dois, atesta a eficácia do medicamento. Está prevista a participação de 100 pacientes, metade deles recebendo a substância ativa e a outra metade um placebo. "Se obtivermos sucesso, vamos passar para a fase três, em colaboração com o pessoal da Bélgica, em hospitais de lá, da Itália, dos Estados Unidos, Inglaterra e Espanha, que vão se unir a nós para fazer um estudo multicêntrico, como é chamado. Outros hospitais do Brasil devem participar, mas por enquanto a pesquisa está em Belo Horizonte, que é nossa prioridade. Somos pioneiros", ressaltou o professor. Na capital, a primeira fase está sendo desenvolvida em parceria com os hospitais Mater Dei e Eduardo de Menezes, este último da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig). De acordo com o pesquisador, a angiotensina (1-7) pode reverter danos pulmonares deflagrados pela infecção, além de combater complicações cardiovasculares e neurológicas, entre outras. Como o medicamento é feito a partir de uma substância produzida pelo próprio organismo, não foram apontados efeitos colaterais que ofereçam riscos à saúde. Também por se tratar de um peptídeo natural, caso o tratamento demonstre a eficácia e segurança esperadas não haverá necessidade de registro na **Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)**. É neste momento que entra em ação a fase quatro da pesquisa: a entrada no mercado. Neste caso, a atenção deve ser redobrada quanto à farmacovigilância, uma vez que muitas pessoas devem usar o medicamento. "Nessa fase é que costumam ocorrer problemas, pois aí são milhões de pessoas usando. É o que pode acontecer também com a vacina: na fase quatro, pode surgir algum efeito colateral importante, como alergia, que acaba fazendo com que alguns medicamentos sejam retirados do mercado. É a fase de comercialização e de farmacovigilância", destacou o professor. Alerta de zonas quentes

Coordenador: professor Eduardo Pimenta  
Instituição: UFMG

© Instagram Sport Club do Recife/Reprodução da internet

Equipes de futebol já usam o mecanismo de medição de temperatura na medicina esportiva

Em tempos de reabertura do comércio, é comum avistar funcionários de estabelecimentos munidos de termômetro digital para aferir a temperatura de clientes - afinal, a febre é um dos sintomas da COVID-19. Mas há meios mais seguros de fazer a checagem. É onde entra a termografia. Pensando nisso, o professor Eduardo Pimenta, do Departamento de Esportes da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, desenvolveu um software, que está sendo disponibilizado gratuitamente, para que empresas usem na medição de calor. Chamado de Safe, o dispositivo pode ser usado em empresas, aeroportos, escolas e hospitais, entre outros locais, com um termovisor acoplado ao software. A grande vantagem do método é que o avaliador pode ficar distante até três metros da pessoa a ser observada. Em menos de um segundo, o sensor capta a temperatura corporal e, se for o caso, emite um alerta para notificar os operadores do sistema. De acordo com Pimenta, diversas empresas já contam com o aparelho, uma vez que ele é utilizado na manutenção de equipamentos. "A vantagem é que não preciso de um avaliador se aproximando com um termômetro, porque ele pode se contaminar e ser ponto de contaminação de outros. A avaliação acontece em menos de um segundo, por um medidor muito sensível. E o sistema tem um alerta vermelho, que permite mandar um aviso por e-mail caso detecte febre", explica o especialista. Ele destaca, porém, que nem todo estado febril significa contágio pelo coronavírus, mas defende que a identificação permite que cada pessoa seja tratada mais cedo. O download do software pode ser feito pelo site da empresa Omni, especializada em soluções tecnológicas para trabalhadores, sobretudo

Continuação: Missão salvar vidas: COVID-19 mobiliza pesquisadores do Brasil em busca de soluções para a doença

da área de esportes. Sessenta e quatro estabelecimentos já usam o sistema, entre grandes empresas e times de futebol, como Atlético, Flamengo, Sport (foto) e Grêmio. "O corpo humano é uma grande fonte emissora de calor. Quando apresenta alguma patologia, alguma disfunção, como uma lesão muscular ou um processo que vai derivar em lesão - o que ocorre muito com atletas de futebol -, o organismo começa emitir uma quantidade maior de calor, e com isso conseguimos antecipar uma provável lesão e medidas são tomadas", concluiu Pimenta, explicando como a técnica também ajuda em outras frentes nos esportes de alto rendimento. "Neutralizador de vírus" Protótipo para inativar o coronavírus no ar  
Coordenador: professor Alexandre Leão  
Instituição: UFMGA guerra contra o coronavírus é, na verdade, uma batalha perante um inimigo invisível, que pode estar em qualquer lugar. Com base nessa premissa, está sendo desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais um protótipo que tem como objetivo diminuir a carga viral do ar, inativando o novo coronavírus (Sars-CoV-2) e outros micro-organismos prejudiciais à saúde, como ácaros. Os estudos são coordenados pelo professor Alexandre Leão, do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas Artes (EBA).

© Acervo Alexandre Leão/Divulgação

Alexandre Leão, Gregory Kitten e Thalita Arantes com o protótipo, que será testado em hospitais

O sistema funciona captando o ar, que então passa por dentro do aparelho. Na parte interna do equipamento - cujo protótipo é feito em madeira de média densidade, papel-alumínio e ventilador usado em computadores -, fica uma lâmpada ultravioleta (UV-C). Ao entrar em contato com a luz ultravioleta, o micro-organismo é inativado, tornando-se incapaz de causar contágio. "A ideia é que todo o ar que passe por esse sistema fique inativado. Raciocinando de forma lógica, imagine que você, na sua casa, coloque o equipamento na parede. Ele tem capacidade de sucção de 55 metros cúbicos (m<sup>3</sup>) por hora. Um quarto de

5x4 metros tem 60m<sup>3</sup> de volume. Porém, temos que imaginar que nem todo o ar do quarto vai passar pelo aparelho em uma hora. Por isso, ele precisa ficar ligado por mais tempo para desinfetar ambientes compatíveis com sua capacidade, por causa da movimentação interna do ar", explica o professor. Segundo ele, a ideia, portanto, é reduzir a carga viral nos ambientes em que for impossível eliminar totalmente o micro-organismo. A principal preocupação dos desenvolvedores do projeto é com a segurança, uma vez que a luz ultravioleta, caso entre em contato com alguém por muito tempo, é capaz de prejudicar a visão e a pele. Por isso, os pesquisadores fizeram exaustivos testes com o aparelho, que se mostrou eficiente. Com o depósito da **patente** do dispositivo, o objetivo agora é encontrar empresas no mercado nacional dispostas a produzi-lo em larga escala. "O preço da lâmpada adequada para o projeto subiu 50%. Nosso equipamento está avaliado abaixo de R\$ 500, enquanto um importado custa R\$ 1.500, por causa do dólar. Com a **patente**, estamos buscando empresas no mercado nacional com interesse em fazer a produção em escala. O Centro de Tecnologia da UFMG está agora buscando parceiros para produzir, respeitando os critérios técnicos", disse o professor. Além da busca de parcerias com a indústria, está prevista a produção de cerca de 20 protótipos do equipamento para instalação em hospitais. Isso permitirá avaliar a eficiência do sistema. Também participam do projeto: Jônatas Abrahão (virologia - ICB/UFMG), Gregory Kitten (biomateriais/ICB), Rudolf Huebner (engenharia mecânica/Escola de Engenharia), Thalita Arantes (biomedicina/Centro de Microscopia), Wagner Rodrigues (Física/ICEx) e Willi de Barros (conservação preventiva/EBA). A equipe é completada por Euler Santos, especialista em negócios da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep), Estêvão Urbano, presidente da Sociedade Mineira de Infectologia, e Luciana Mafra, médica do Hospital Júlia Kubitschek. Um "pulmão" brasileiro  
Protótipo de ventilador pulmonar mecânico  
Coordenador: professor Jurandir Nadal  
Instituição: UFRJ

Continuação: Missão salvar vidas: COVID-19 mobiliza pesquisadores do Brasil em busca de soluções para a doença

© Coppe/UFRJ/Divulgação

Equipamento já passou pela fase de testes e deve começar a ser produzido em escala

Pesquisadores do Programa de Engenharia Biomédica da Coppe (Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desenvolveram um protótipo de ventilador pulmonar mecânico que deve ser produzido em larga escala. O projeto, que teve início em março, passou por vários ajustes, até ser testado em pacientes e ter o processo de registro iniciado na [Anvisa](#). A produção do experimento está sendo coordenada pelo professor Jurandir Nadal, chefe do Laboratório de Engenharia Pulmonar e Cardiovascular da Coppe. "Em questão de dois meses, tínhamos um ventilador pronto para teste. Começamos em 13 de março e em 20 de maio já estava pronto. Aí tivemos que testar. Primeiro no laboratório, com colaboradores do Inmetro, do Cepel (Centro de Pesquisas de Energia Elétrica), numa empresa chamada Medcentro. Deu tudo certo", explica o pesquisador. A isso se seguiram duas semanas de testes em animais, exigidos pela Comissão Nacional de Ética e Pesquisa, antes de partir para testes em humanos. "Testamos em cinco pacientes e tudo funcionou muito bem. Agora estamos com o ventilador no modo definitivo e fazendo os testes que são exigidos para registro na [Anvisa](#)", resumiu Nadal. O equipamento funciona acoplado a uma fonte de ar comprimido e outra de oxigênio, com um sistema de chaveamento para fazer diferentes misturas, possibilitando maior ou menor concentração de oxigênio, conforme a necessidade. A pressão é regulada de acordo com a situação do paciente. O ventilador não deixa a pressão cair abaixo de um valor mínimo para evitar que partes do pulmão que absorvem o oxigênio se colapsem, prevenindo lesões provocadas pela ventilação artificial. O ar expirado passa, então, por um filtro especial que retém as gotículas de água com vírus, mantendo a umidade do sistema respiratório. O equipamento foi produzido para suprir

a demanda de respiradores no Brasil. No entanto, como a situação hoje é considerada controlada, o produto ficará como um legado no setor de aparelhos de saúde. "Vai virar um produto completo, e a ideia é transferir isso para uma empresa nacional, para ter mais um produto no mercado", explica o professor. O projeto agora busca uma consultoria para o registro na [Anvisa](#). "Temos até meados de setembro para submeter à [Anvisa](#), porque registros para a COVID-19 foram facilitados por um período de 160 dias a partir de portaria de março. Se não houver prorrogação, vamos ter que fazer toda uma bateria de testes em laboratório e aí o processo pode atrasar mais quatro, seis meses. Espero que isso não aconteça", concluiu. O que nos move São milhares de cérebros e muito conhecimento por trás da corrida científica fundamental para a preservação de vidas e para minimizar os efeitos da pandemia no Brasil. Mas, por trás de toda a técnica, qual o sentimento dos coordenadores ao liderar estudos como esses? Com a palavra, a ciência.

© UFMG/Divulgação

Â [BLOCKQUOTE1]Â

© Isabela Trindade/EEFFTO/Divulgação

Â Â [BLOCKQUOTE2]Â

© Isabela Trindade/EEFFTO/Divulgação

Â Â [BLOCKQUOTE3]Â

© Arquivo pessoal/Divulgação

Â Â [BLOCKQUOTE4]Â

## Índice remissivo de assuntos

**Marco regulatório | Anvisa**  
3

**Patentes**  
3, 4, 6